

Oswald de Andrade, através de um artigo jornalístico intitulado *Meu poeta futurista*, onde anota as novidades estéticas de Mário de Andrade no seu *Paulicéia desvairada*. A partir daí, os dois Andrades tornam-se amigos inseparáveis até o desentendimento que jamais chegou a um consenso. Maria Eugênia Boaventura chamou a atenção para a origem desse referido desentendimento estar relacionada com a disputa de lideranças, “com o desejo narcísico de ser o condutor do Modernismo”, o que nos parece muito convincente, dada a natureza das personalidades envolvidas.

A biografia é, também, um trabalho de interpretação, onde a presença da imaginação criadora se associa aos registros fornecidos pela documentação, seja ela oral ou escrita. Assim como o ficcionista faz viver as personagens que cria, Maria Eugênia Boaventura dá sopro de vida ao biografado, sem anular, em nenhum momento, a fidelidade à vida vivida por Oswald de Andrade.

Eis aí, portanto, Oswald de Andrade redivivo pelo engenho de Maria Eugênia Boaventura numa bem cuidada publicação da Editora Ex Libris e da Editora UNICAMP, de 286 páginas, dividida em 4 (quatro) partes: “A vida em Mi Bemol” (1890-1919), “O mundo sem fronteiras” (1920-1929), “O solo das Catacumbas” (1930-1943), “Para lá do trapézio sem rede” (1943-1954) e que figurará, certamente, na bibliografia da literatura brasileira, ocupando lugar de destaque na fortuna crítica oswaldiana.

Oswald de Andrade viveu intensa e ruidosamente, entrando sempre em cena, onde apontava marcas de sua personalidade multifacetada.

*Edilene Matos*  
Professora de Literatura Brasileira da UCSal e  
Doutoranda em Comunicação e Semiótica da PUC/SP.

MOTA, Carlos Guilherme; LOPEZ, Adriana. *História e Civilização*. Coleção didática da Editora Ática – 5ª a 8ª séries do primeiro grau.

Um livro didático não pode ser classificado ou qualificado no momento em que surge, quando é lançado. Ele será ou não aprovado pelo público a que é destinado depois de dois ou mais anos de sua utilização. Isto porque ele tem que ser testado pelos alunos, depois de ser bem compreendido pelos professores que vão adotá-lo.

O fato de uma editora, a Ática, ter decidido investir em uma nova coleção de livros didáticos e de ter encontrado dois intelectuais interessados em prepará-los é

que devemos comemorar. Há muito não surgia toda uma coleção que pretende ressaltar, através destes livros, a idéia de civilização dentro do tempo histórico.

A coleção é destinada aos estudantes que cursam das 5as. às 8as. séries do primeiro grau. São quatro volumes. Dois deles destinados ao estudo da História em âmbito universal e outros dois cuidando da história nacional: o volume I, com 200 páginas – *O Mundo Antigo e Medieval*; o volume II, com 208 páginas – *O Mundo Moderno e Contemporâneo*; o volume III – *O Brasil colonial*, com 160 páginas e o volume IV, com 176 páginas – *O Brasil Imperial e Republicano*.

E o que pretendem os dois autores, Carlos Guilherme Mota e Adriana Lopez? Afirmam que a “intenção [é a] de ser útil aos professores e alunos (...)” que se interessem pela História pois é o seu estudo que permite “desvendar os vários caminhos pelos quais transitou a humanidade através dos tempos. A História é a disciplina que nos informa sobre a vasta aventura da experiência humana”. E acrescentam ainda que “(...) estes livros foram pensados e escritos para ajudar a melhor conhecermos o presente”.

Procurei nas setecentas e tantas páginas de textos e ilustrações da *Coleção História e Civilização* as respostas dos autores às suas proposições. Embora tenham se empenhado em manter uma linguagem adequada aos seus novos leitores, em alguns momentos foram traídos pelo próprio estilo e pela forma de apresentação. Nada, no entanto, que prejudique a compreensão do todo. Creio terem atingido os objetivos propostos.

Os diferentes livros que compõem a *Coleção* mantêm uma estrutura padrão, o que permite a unidade na diversificação das épocas e dos temas. Desde o primeiro capítulo do volume I até o último do volume IV, os autores procuraram bem distribuí-los dentro das partes, não as desequilibrando, o que é altamente positivo por se tratar de estudantes que se iniciam no aprendizado da História e não podem ter um ou outro tema privilegiado neste ou naquele volume, nesta ou naquela parte. A manutenção, no final de todos os capítulos, de três tópicos distintos, que ajudam a revisão do que foi tratado é outro destaque a fazer. Falo da Cronologia, Glossário e Atividades. As atividades, quase todas induzidas por perguntas, pretendem estimular os estudantes a ampliarem suas leituras e executarem tarefas. O glossário elucida possíveis dúvidas. A cronologia facilita o entendimento e reforça a minha maneira de entender que História não pode ser somente a enumeração de nomes e datas, mas têm o historiador e o estudante da História de trabalhar muito com a cronologia. A noção do tempo e a compreensão dos períodos em que se movimentou a humanidade é essencial para que se possa, cada vez mais, entender melhor o presente. Pois, como dizem os autores “(...) o presente – dia de hoje – também é histórico. Tudo é História, tudo tem seu tempo”. E para que essa integração do passado e presente se faça é preciso que o estudante tenha bons livros para aprender por que se estuda e para que serve a História.

Uma idéia muito boa dos autores que não foi, no entanto, mantida no final dos capítulos é a da introdução de documentos como este que transcrevo por considerá-lo muito bem escolhido e por introduzir a figura de Lima Barreto na escola de primeiro e segundo graus. (Ele está à pág. 89, final do capítulo I – A Primeira República – 1889/1930 – no volume *O Brasil Imperial e Republicano*).

## Documento

“Há uma outra face do marechal Floriano que muito explica os seus movimentos, atos e gestos. Era o seu amor à família, um amor entranhado, alguma coisa de patriarcal, de antigo, que já se vai esvaindo com a marcha da civilização.

“Em virtude de insucessos na exploração agrícola de duas das suas propriedades, a sua situação particular era precária, e não queria morrer sem deixar à família as suas propriedades agrícolas desoneradas do peso das dívidas.

“Honesto e probo como era, a única esperança que lhe restava repousava nas economias sobre os seus ordenados. Daí lhe veio essa dubiedade, esse jogo com pau de dois bicos, jogo indispensável para conservar os rendosos lugares que teve e o fez atarraxar-se tenazmente à Presidência da República.

“A hipoteca do ‘Brejão’ e do ‘Duarte’ foi o seu nariz de Cleópatra...

“A sua preguiça, a sua tibieza de ânimo e o seu amor fervoroso pelo lar deram em resultado esse ‘homem-talvez’ que, refratado nas necessidades mentais e sociais dos homens do tempo, foi transformado em estadista, em Richelieu e pôde resistir a uma séria revolta com mais teimosia que vigor, obtendo vidas, dinheiro e despertando até entusiasmo e fanatismo.

“Esse entusiasmo e esse fanatismo, que o ampararam, que o animaram, que o sustentaram, só teriam sido possíveis, depois de ter ele sido ajudante general do Império, senador, ministro, isto é, após se ter ‘fabricado’ à vista de todos e cristalizado a lenda na mente de todos.

“A sua concepção de governo não era o despotismo, nem a democracia, nem a aristocracia; era a de uma tirania doméstica. O bebê portou-se mal, castiga-se. Levada a coisa ao grande o portar-se mal era fazer-lhe oposição, ter opiniões contrárias às suas e o castigo não eram mais palmadas, sim, porém, prisão e morte. Não há dinheiro no Tesouro; ponham-se as notas recolhidas em circulação, assim como se faz em casa quando chegam visitas e a sopa é pouca: põe-se mais água.

“Demais, a sua educação militar e sua fraca cultura deram mais realce a essa concepção infantil, raiando-a de violência, não tanto por ele em si, pela sua perversidade natural, pelo seu desprezo pela vida humana, mas pela fraqueza com que acobertou e não reprimiu a ferocidade dos seus auxiliares e asseclas”. BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo, Ática, 1993. p. 131-2)

Dois pontos altamente positivos. O primeiro é mostrar um autor dos mais importantes de nossa literatura e pouco lembrado... O segundo é o fato de introduzir como conceito de documento uma página de nossa literatura. Agindo assim os autores contribuíram, sem dúvida, para ampliar a idéia do que seja um documento histórico (questão sempre polêmica) e, ao mesmo tempo, começar a introduzir o texto literário como referencial e suporte dos estudos históricos. Isto para não falar da valorização dos nossos autores e da necessidade de resgatá-los perante as novas gerações. Creio que em edições futuras a escolha de mais documentos como este ou de outra natureza possam ser introduzidos como mais um recurso a ser usado para aprimorar o estudo de nossa História. Claro que toda a coleção poderia receber um número maior de documentos, o que somente vinha aperfeiçoá-la.

A Coleção *História e Civilização* começa a sua caminhada... Sabem os autores e a Editora Ática que ela vai ter um longo trajeto a percorrer e encontrará muitos obstáculos para ser recebida, aceita e adotada pelos diferentes setores que compõem, neste país, o mundo da educação. Espero que os livros bem trabalhados, bem ilustrados e com uma proposta segura tenham a possibilidade de serem renovados a cada período, depois de ouvidos os principais interessados, os alunos, e que neles possam ser introduzidas novas informações ou retiradas algumas por redundância. Que possam ter novas ilustrações ou mais textos, mais documentos porque assim será uma obra a ficar no mercado e a atender às necessidades pedagógicas do Brasil.

Sobre os autores não há nada a acrescentar, pois são intelectuais altamente conceituados e com obras que já são destaque nos meios literários. Também não é hora de fazer bio-bibliografia. É preciso, no entanto, ressaltar a coragem de terem aceito esta tarefa de produzir um texto destinado a crianças e adolescentes. E deve ter sido um grande desafio, pois é preciso medir cautelosamente não os assuntos, mas a forma de apresentá-los. E mais, de uma maneira que chegue ao público a que se destina. Carlos Guilherme Mota e Adriana Lopez estão de parabéns por terem concluído a primeira etapa de seu empreendimento. Em seguida deverão estar atentos às possíveis críticas de seus mais severos analistas, os pequenos leitores que vivem o mundo escolar dos dias atuais. E, então, aprovados, deverão prosseguir na empreitada fazendo novas coleções para os outros níveis de ensino.

A sorte está lançada e espero que o sucesso venha na mesma proporção do esforço empregado para consolidar o projeto primeiro da grande aventura, a publicação da *Coleção História e Civilização*.

José Sebastião Witter  
Professor do Depto. de História/USP.